

A MINHA PÁTRIA

A minha pátria é a literatura. É a mesma pátria de Fernando Pessoa, embora o poeta, num dia em que acordou mais inclinado ao fingimento, não tenha resistido a produzir a famosa frase que tanta gente cita e tão pouca sabe de onde provém.

(Logo ele, tão inglês em tudo, e sobretudo no que lhe era mais querido - a literatura).

Sim, nasci no arquipélago Fernando Pessoa num dia qualquer dos anos oitenta, quando, ainda muito jovem, li pela primeira vez uma magra antologia, para uso académico, dos seus versos mais conhecidos. Mas sou natural também de Hemingway, uma vila de pescadores, com vista para o mar de Havana. E como posso esquecer Thomas Edward Lawrence – e “Os Sete Pilares da Sabedoria”, se lhe devo a melhor parte, a parte nómada, daquilo em que ao longo dos últimos anos, pouco a pouco, me fui transformando?

Nenhum país é mais verdadeiro do que um livro bom. Nenhum país merece mais o meu amor do que certos livros que me ampararam na infância, e outros que me assombraram na adolescência e juventude. Nenhum país – com todas as suas cidades e vilas e aldeias, o seu vinho, os seus bordados, a culinária, a música, etc. – contribuiu mais para a formação da minha identidade do que a obra de determinados autores.

Países são sempre mistificações, a maior parte das vezes construídas à força bruta por gente rude e desagradável. Fronteiras são linhas traçadas a sangue; linhas de ódio, portanto. Prefiro os meus livros.

É claro que nunca tentarei explicar isto a um polícia de fronteira. Posso imaginar o diálogo:

- Passaporte?
- Serve o “Livro do Desassossego”?
- Não brinque comigo! Afinal de onde é você?!
- Fernando Pessoa!

Em certos casos talvez o nome conseguisse acender alguma lembrança. Um minúsculo ruído de reconhecimento entre neurónios remotos. O polícia franziria o farto sobrolho negro. Hesitaria:

- Fernando Pessoa?! É uma ilha, não é? Na costa oriental de África?...

Não, parece-me mais sensato não tentar. Os meus escritores, aqueles de onde eu venho, a esses sento-os à minha mesa. Ali lhes reconheço a paternidade, a uns mais do que a outros, é claro, embora não diga isto alto para que se não ofendam. Escritores são por natureza muito melindrosos.

Nascemos todos os dias, aqueles cuja pátria é a literatura. Vamos nascendo, hoje numa página, amanhã numa outra, e é sempre uma festa cada nascimento. Isto eu acho bonito. Voltemos ao polícia de fronteiras:

- Diga-me lá então de onde é você?

– De muitos lugares senhor polícia. Na verdade nem sequer sou, estou sendo. A minha pátria é uma biblioteca itinerante. Tudo em mim aponta para Sul, reconheço, mas não tenho a certeza se isso é identidade ou simples talento. Talvez seja mesmo uma outra coisa: merecimento.

E ele, remordendo o bigode, impaciente:

– Certo, menina. – Gosto muito quando me chamam menina, e, acreditem, ainda chamam! – Vamos fazer de conta que você não é completamente maluca e eu reformulo a pergunta. Onde nasceu então?

Não, não daria certo. Serei então trivial, ao menos diante dos polícias de fronteira. Aliás, uma das minhas melhores amigas é de opinião que eu deveria casar com um polícia de fronteiras, um homem de ombros largos, exacto, prático, ao qual eu me pudesse agarrar durante os fortes devaneios, como um barco se agarra à âncora durante um temporal. Tenho reparado num moreno vigoroso, no aeroporto de Barcelona, que já por diversas vezes conferiu o meu passaporte. Creio que também ele reparou em mim. Hei-de perguntar-lhe se já visitou Fernando Pessoa.

Faíza Hayat

Pública, 9 de Setembro de 2007